

Dedicatória

Histórias de Joinville *Perfis de personagens populares*

PROJETO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE JORNALISMO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - DEZ/95
ORIENTADOR: FRANCISCO JOSÉ CASTILHOS KARAM
ACADÊMICA: SHEILA DERETTI

Dedicatória

INDICE

Introdução	04
O governo alemão	07
Mãe que dá leite	13
Nazismo, guerra e arrependimento	17
Olhos fechados, ouvidos bem abertos	21
A sugomadora covisista	25
O bacheiro de Joinville	29
A mais fiel torcedora do JUC	33
A misteriosa mulher do turbante	37
O "pai do rádio" em Joinville	41
Lá vai a Rosa	45

Referências bibliográficas

*Aos meu pais, professores e
amigos, ao meu orientador
e maior incentivador,
Francisco Karam,
e aos meus queridos
entrevistados.*

Introdução

ÍNDICE

<u>Introdução</u>	04
O covreiro alegre	07
Mãe que dá sorte	13
Nazismo, guerra e arrependimento	17
Olhos fechados, ouvidos bem abertos	21
A engomadora convicta	27
O barbeiro de Joinville	32
A mais fiel torcedora do JEC	35
A misteriosa mulher do turbante	39
O "pai do rádio" em Joinville	43
Lá vai a Rosa	50
<u>Referências bibliográficas</u>	55

escrituras - texto de usar
classe a 21/

A verdade de cada sujeito é
ele próprio que constrói

Introdução

Joinville, a maior cidade de Santa Catarina, localiza-se na região norte do estado. As indústrias são a base da economia do município e geram muitos empregos. Isso faz com que pessoas de localidades próximas migrem para lá em busca de melhores condições de vida. Muitos não conseguem se encaixar nesta massa de operários e assalariados e, por força das contingências da vida ou da falta de oportunidades, ficam fora do mercado de trabalho. Tais indivíduos, não raro, são encontrados nas ruas vivendo à custa da caridade alheia.

Essas vidas singulares, muitas vezes, são objetos de pesquisa do jornalismo. Mesmo que os perfis jornalísticos priorizem pessoas famosas ou que ocupam cargos importantes, há repórteres que buscam histórias na rua, nos chamados personagens populares. Ricardo Kotscho é um jornalista que costuma narrar, com brilhantismo de estilo, a pitoresca vida dessa gente.

Ao mesmo tempo em que é explorada a singularidade dos personagens populares, tais pessoas também podem representar os costumes de toda uma sociedade ou uma época. É sob esse aspecto que trabalhava o repórter José

Hamilton Ribeiro em suas belas reportagens para a antiga revista Realidade. Através da história de um homem do campo, retratava a situação de milhares de agricultores do país.

Nas entrevistas que realizei com personagens de rua, pude perceber que, apesar das peculiaridades de cada um, todos estavam nas ruas porque sofreram algum tipo de discriminação por parte da sociedade ou da própria família.

Quanto aos entrevistados que estão há muito tempo na mesma profissão, percebi também, que, em meio às histórias pessoais, os fatos, lugares e pessoas mencionadas costumavam coincidir e, juntos, formam um retrato de como era Joinville há 50 anos, com seus costumes, tradições alemãs e nos períodos de guerra. Daí resultou o valor histórico-cultural do projeto.

Uma entrevista interessante foi a do coveiro. Dentro dos critérios escolhidos para perfis como o de pessoas que trabalham durante anos na mesma profissão, achei que seria válida, porque a morte é um tema que sempre desperta interesse nas pessoas. A surpresa veio ao conhecer um coveiro tão alegre e espirituoso. As contradições da matéria, que trata de um assunto mórbido de forma leve, é uma das coisas que o jornalismo busca: a ruptura com o cotidiano e a quebra da expectativa.

A escolha dos personagens sofreu modificações desde o início do projeto, porém sempre respeitou os critérios básicos de personagens populares ou há muito tempo no mesmo ofício. Tive sorte, pois apesar de não conhecer

os entrevistados pessoalmente, me encantei por todos. São pessoas diferentes daquelas com as quais convivo e reconheço ter até mesmo perdido alguns preconceitos e medos em relação a alguns deles. Pessoas que superaram o trauma da velhice, da doença e da deficiência, dando um belo exemplo de vida.

Sei que quando entrar no mercado de trabalho, dificilmente poderei realizar reportagens como estas, escolhendo as pessoas que julgo merecedoras de um espaço na mídia. Por isso, sinto-me já satisfeita de ter conseguido isso através de meu projeto de conclusão de curso.

Quem sabe uma matéria contando a vida do cego João, ou de tantos cegos que tocam gaita nas esquinas, ou das “Rosas do pé inchado” que circulam pelas ruas dos grandes centros, não fizesse com que a sociedade olhasse para essas pessoas sob outro ponto de vista. Aí está o valor social do projeto e do jornalismo. E é meu desejo e objetivo principal.

O coveiro alegre

Enterro é sempre uma cerimônia triste. Mesmo quando o morto não é próximo da gente, fica difícil não se comover diante do sofrimento dos outros. Há pessoas que nem conseguem assistir a um sepultamento: ficam impressionadas, desmaiam, não dormem e se recusam a pisar num cemitério.

Mas este não é o caso de Calixto Moser, de 83 anos. Coveiro há 53, ele caminha entre as catacumbas do cemitério da Estrada do Sul, perto do bairro Vila Nova, em Joinville, como se estivesse passeando no jardim da própria casa. Neto e filho de coveiros, o italiano, que pelo sotaque e espontaneidade não nega a origem, vai apontando para as sepulturas: “Aqui tem meu genro. Morreu de moto em 82. Agora em 95 morreu o filho dele. Ele bateu no ônibus. Esse aqui é o meu primo. Também morreu de desastre. Aquele ali também morreu de desastre. Ali estão enterrados meu pai e minha mãe.”

Ele se aproxima de uma sepultura nova de casal, feita de mármore marrom, muito limpa e brilhante. Em uma das lápides está o nome de Serafina Moser, sua mulher, que morreu de pneumonia em 92, e do lado dela há uma sepultura vazia. Seu Calixto fala com o orgulho de quem mostra um carro novo ou a reforma da casa: “Esse aqui é o meu lugar para dormir. Botei granito lá embaixo pra coçar as costas. Depois, se por acaso der uma coceira a gente tem que coçar assim”, explica se sacudindo todo, “porque a camisa é dura, não dá pra se virar”, brinca o italiano.

O cemitério é pequeno, com cerca de 800 sepulturas, a maioria inscrevendo sobrenomes italianos nas lápides. Seu Calixto mora em uma casa de madeira verde-escuro, quase defronte ao cemitério e ao lado da Igreja Católica Cristo Redentor. A região, de poucas casas e cercada de morros, é povoada por

colonos que vivem do cultivo do arroz. Raramente passa ônibus pela rua principal, hoje chamada de Estrada do Sul, que antes da construção da BR 101 era o único acesso que ligava Joinville à Guaramirim. Ainda não foi asfaltada e em épocas de seca se formam enormes nuvens de poeira cada vez que passa um carro. Quando chove, fica quase intransitável, cheia de buracos e lama. O pessoal da região brinca com *Seu Calixto*, dizendo que ainda não puseram asfaltamento só por causa dele, que fica andando de casa para o cemitério, do cemitério para a vizinhança e não deixa as máquinas trabalharem na estrada .

Ele chegou naquelas redondezas ainda jovem, veio com os pais, oito irmãos e a esposa, com quem teve dez filhos. Trabalhou nas plantações de arroz e com trinta anos tornou-se funcionário da prefeitura. Capinava as estradas, cuidava da escola, da igreja e do cemitério. O contrato temporário era de três meses mas acabou se aposentando pela prefeitura e, neste meio tempo, enterrando muita gente. “Fora os 14 enterros que eu não assisti durante os dois meses em que fui operado da vesícula, o resto assisti quase tudo”, confirma o homem de 1,70 m, 60 quilos e um pouco curvado pelo peso dos anos e das *pasadas* de barro que ergueu.

Hoje está com a vida “mansa”. Aposentado há 16 anos, diz que só “trabalha com os olhos”. Não faz mais covas, agora a tarefa é do filho, que perpetua, assim, o ofício da família desde o bisavô.

Ossos do ofício - Mas Calixto Moser ainda se sente responsável pelo cemitério e passa lá diariamente, para ver se está tudo na “santa paz” e dar algumas orientações nos sepultamentos. As mãos ásperas e calejadas e as unhas maltratadas ficaram até hoje como marcas de quem já abriu muitos buracos e sempre trabalhou no pesado. No início, explica ele, era mais cansativo, as

covas eram feitas só no chão, por isso precisavam ser mais fundas, para não sair cheiro. Tinham a profundidade de 1,80 m, dez centímetros a mais que sua altura, fora o monte de barro que ficava do lado e dava a idéia de “fundura” ainda maior. Ele conta que se quebrasse uma tábua e caísse, seria “enterrado vivo”.

Agora as covas são mais rasas, principalmente as de concreto, o que aliviou o trabalho. A exceção são as de indigente, ainda feitas como antigamente, no barro, com profundidade de 1,80m. Apesar de mais funda, o nome da cova de indigente é *sepultura rasa* e tem o prazo de cinco anos para ser paga por algum familiar. “Se não for paga em cinco anos vai outro morto em cima”, esclarece. Um terreno limpo de 1,5 m por 2,5 m no cemitério da Estrada do Sul, está custando 160 reais, enquanto que no centro, em Joinville, sai 50% mais caro. Ele mesmo detalha sua futura sepultura: “a minha tem 1,80m de fundura e é com concreto. Cabem três”, orgulha-se.

Ele conta que nos primeiros enterros chegava a se emocionar: “No começo quando os outros choravam, dava vontade de chorar também, mas agora tanto faz. Morreu meu pai, morreu minha mãe e eu não chorei”. Nos 53 anos em que trabalhou como coveiro, *Seu Calixto* notou algumas diferenças nos enterros, além da profundidade das sepulturas. Antes morriam mais crianças pequenas, devido à falta de assistência médica. Só de um casal ele enterrou nove filhos pequenos. Mas como antigamente também se tinha mais filhos, lembra, ainda sobraram nove. Ele explica que hoje morrem muitas pessoas jovens, vítimas de acidentes de carro.

Quanto aos sepultamentos, garante que a novidade, agora, é ser enterrado novamente no chão. Este vem sendo o último desejo de muita gente, em respeito ao provérbio, simplificado por *Seu Calixto*: “O barro criou, o barro

come”. Mesmo assim, o enterro no concreto ainda é a melhor opção: “O caixão de hoje quebra e as pessoas não querem aquele peso do barro na barriga”, revela.

“A maioria dos que querem ser enterrados na terra, são os chorões”, reclama o coveiro, referindo-se ao pessoal da Assembléia de Deus. O motivo da implicância é simples: os seguidores desta religião costumam fazer cerimônias muito longas, choram desesperadamente e querem ser enterrados no barro. Seu Calixto lembra de uma história: “Uma vez houve um enterro onde vieram três pastores. Eram cinco horas da tarde, logo ia anoitecer. Então um pastor falou, falou, falou e eu pensei que ele ia acabar e eu ia enterrar. Mas ele acabou e disse: Agora eu vou passar a palavra para o pastor tal. E aquele homem também falou um monte e já tinha passado das seis horas. Quando acabou, eu pensei, agora eles vão enterrar, mas ele disse: Agora vamos passar a palavra para o missionário. Aí foi a minha vez de acabar com a aquela história de passar a palavra e falei: Bom, agora eu digo a palavra: vamos descer o caixão e eu vou tampar. Enquanto eu tampo vocês podem berrar à vontade.”

Enterro cronometrado - Hoje Seu Calixto é mais prático. Além de não deixar mais abrir o caixão em cima da cova, “os chorões sempre pedem para abrir”, ele estipula o horário do enterro antes de começar: “Agora eu puxo o relógio, vinte minutos eles podem falar. Aviso para todos os ‘padres’ que vêm aí: olha, vinte minutos!” E justifica a atitude perante os servos de Deus: “Se não se salvou em toda a época em que viveu, por mais vinte ou trinta minutos que vocês falam, não se salva.” Sua idéia deu certo: “Agora trazem pronto de casa e quando vem a gente só desce”, diz sorrindo.

Seu Calixto recebia por enterro e lembra que havia meses em que não ganhava nada: “Eu já enterrei três num dia. Muitas vezes dois, um de manhã, um de tarde. Às vezes dois juntos. E tinha mês que não dava nada. Agora faz um mês que não morreu nenhum.” Ele acrescenta mostrando que tem experiência dos anos: “Quando pega para morrer, em geral é cinco, seis, um atrás do outro. Quando era no barro, a gente ‘tava acabando de tampar e já vinha outro pra fazer outra cova.”

Explica que há muitos enterros de mais de uma pessoa da mesma família no mesmo dia, quando ocorrem acidentes. Mas lembra que uma vez enterrou, no mesmo dia, um casal de velhinhos que morreu quase na mesma hora, em locais diferentes. O marido estava “nas últimas” no hospital e a mulher passou mal em casa e faleceu antes. Depois de três horas, o marido também morreu. Gerhard Ravache, dono da principal empresa funerária de Joinville e conhecido de *Seu* Calixto, considera o fato raro, e em todo o seu tempo de serviço, lembra de só ter acontecido a mesma coisa há 75 anos.

Mais rara foi outra história de que *Seu* Calixto recorda. Foi um enterro onde estavam presentes apenas quatro pessoas: o pai do morto, o vizinho, Calixto e Ravache. O motivo da morte foi tão patético quanto o enterro: um irmão assassinou o outro com uma facada no estômago porque este havia comido sozinho toda a carne do almoço. Diante da tragédia, o pai fez apenas o comentário: “você agora não vai incomodar mais ninguém (referindo-se ao filho morto). O outro vai para a cadeia. Se depender de mim ele não vai sair de lá.”

Estas são histórias que Calixto Moser desenterrou da memória, vivenciadas durante seus anos como coveiro. Mas nenhuma se compara a que fora contada pelo pai. Era de uma senhora que havia falecido. O irmão dele estava fazendo o caixão, porque naquele tempo era montado na hora. O corpo

estava em cima de uma tábua. Quando o pai de *Seu Calixto* ergueu para colocá-lo dentro do caixão, percebeu que ainda estava quente. Então alertou o viúvo da falecida: “Se fosse meu não enterrava. Ainda tá quente.” Mas a resposta do marido foi direta: “Enterra logo, assim morre de uma vez.” Depois de anos o caixão foi aberto. O crânio da mulher estava virado com a boca para baixo.

Seu Calixto conta o episódio com a maior naturalidade. Aos 83 anos, confessa que não tem medo de morrer, mas esclarece: também não tem pressa. No último dia de Finados deu um susto em todo mundo. Sentiu-se mal ao acordar. As pernas ficaram bambas e os olhos vesgos. Levaram-no para o hospital, fizeram os exames e o médico concluiu que não era nada. Garantiu para *seu Calixto* que viveria até o ano 2000. Mas o coveiro, que já escapou de três derrames, não se contentou: “Não dá para me garantir até o ano 3000?”

Mãe que dá sorte

Criar filhos nunca foi uma tarefa muito fácil, ainda mais 21. Foi o caso de Sílvia Quant, de 72 anos, que com suas salientes bochechas coradas e acentuados olhos azuis lembra uma versão feminina do Papai Noel. Desde moça a paixão que tem por crianças já a fez adotar 21 menores. Até aí, apesar do sacrifício, o desafio parece possível, não fosse apenas por um detalhe: ela é paraplégica desde os dois anos de idade.

Dona Sílvia nunca se casou e sua história começa em 1945, quando, com apenas 18 anos, adotou duas crianças. Hoje só recorda o nome de um deles: “É Maurício e mora em Florianópolis.” Daí por diante continuou acolhendo crianças em sua casa e sua fama foi se espalhando além de Joinville, chegando a outras cidades e estados como Ponta Grossa e Curitiba, no Paraná. O motivo da doação era quase sempre o mesmo: os pais não tinham condições de criar. As primeiras providências de Dona Sílvia eram banho, roupa limpa e comida. E com a mesma rapidez e simplicidade com que iniciava seus primeiros cuidados com os filhos que adotava, as crianças se adaptavam ao novo lar. Até hoje, só adotou meninos. Acha que “menina dá muito trabalho”. A maioria tinha entre cinco e oito anos mas ela também acolheu ainda menores. O mais novo tinha apenas um dia: “A mãe dele ficou doente depois do parto e o pai já tinha o restante dos filhos para cuidar.”

Proprietária de uma modesta casa verde de madeira na rua Ursa Maior, no bairro Guanabara, conseguiu comprá-la com a ajuda de uma antiga patroa. Mora lá há 24 anos. Hoje vivem sete pessoas na casa: ela mesma, cinco filhos e sua irmã, Alice, de 58 anos. Separada do marido alcoólatra, a irmã já

mora com Dona Sílvia há 24 anos. É ela quem realiza as tarefas domésticas e ajuda a cuidar dos garotos.

Dona Sílvia ganha a vida e sustenta os filhos com a aposentadoria e a venda de bilhetes de loteria. Com a ajuda de seus filhos adotivos, Márcio, de 19 anos, e Cláudio, de 15, ela roda oito quilômetros diários em sua cadeira até chegar ao centro da cidade. Trabalha há 44 anos no mesmo ponto, em frente à Loja Salfer, na Rua do Príncipe, e tem sua clientela fixa de segunda à sexta. “Saio por volta das 8 horas e só volto à noite. É cansativo, mas gostoso. Tudo na minha vida foi difícil, mas válido”, conta sempre satisfeita. Recorda que já sofreu muito e que em algumas épocas teve que fazer roupas com saco de estopa para as crianças. Destaca a ajuda que recebe da Papelaria Cruzeiro, através de doações de cestas básicas e material escolar. Embora não costume pedir, também recebe ajuda de filhos mais velhos. Dona Sílvia não sabe o paradeiro de todos, mas garante que estão vivos. Ela não registrou nenhuma da crianças e explica suas razões: “Eles tinham um pai e uma mãe, não eram meus filhos. Por que eu iria colocar o meu nome? Assim eles ficavam aqui em casa o quanto quisessem. Se não gostassem, tinham todo o direito de irem embora, do mesmo jeito que chegaram.” Mas as crianças ficavam e hoje muitos, já adultos e pais de família, não esquecem de Dona Sílvia e vêm sempre visitá-la. Ela pensa um pouco e expressa a sua paixão por crianças: “Eu já tenho muitos netos, o meu filho que mora atrás da minha casa caprichou, tem três crianças, e outro que mora no Jativoca, tem cinco!”.

Amiga da Comunidade - Na parede do quarto de Dona Sílvia, há vários retratos e quadrinhos. São fotos antigas, a maioria em preto e branco. Ela relembra: “Aqueles dois ali são meus pais, aquele outro casal é minha irmã

com o marido, aquela ali do canto é minha prima e outra sou eu.” Ela também tem a foto de alguns de seus filhos e aponta para uma em preto e branco de um garotinho sentado na cadeira: “Aquele ali urinou na calça na hora de tirar a foto! Porco!”, lembra com severidade a mãe que nunca precisou bater em nenhum dos filhos: “Tem mãe que bate, bate, bate e não adianta nada. Eu nunca bati em nenhum deles. É o jeito de criar.” Dona Sílvia também se orgulha de ter orientado seus filhos a freqüentar a Igreja Evangélica Brasil para Cristo e ter dado “estudo” para todos eles. “Uns têm profissão: ferramenteiro, operador de máquina,” comenta satisfeita.

Entre as fotos preto e branco, uma delas, colorida, se destaca. E conta emocionada: “Foi quando eu ganhei o troféu *Amigo da Comunidade**, lá em Florianópolis. Foi uma briga pra eu ir pra lá, ‘tava com vergonha. Mas o pessoal da RBS arranhou uma kombi e me carregou. Foi a noite mais feliz que eu tive até agora, o salão tava cheio, cheio, cheio. Flor, flor, flor... Quando eu entrei eles ficaram batendo palmas um tempão pra mim”, relembra sorridente.

Aquela noite foi como um sonho para Dona Sílvia, a vendedora de bilhetes de loteria cuja meningite e o sarampo lhe deixaram numa cadeira de rodas há exatos 70 anos. No dia seguinte tudo voltou ao normal: as pessoas, que passaram pela rua do Príncipe, encontraram aquela senhora sentada em sua cadeira, vendendo bilhetes de loteria, no mesmo lugar de sempre, como faz há 44 anos.

Nazismo, guerra e arrependimento

Hoje, ele é um senhor de 79 anos que mora numa pequena e acolhedora casa estilo europeu e tem como hobby, em sua pacata vida de aposentado, o cultivo das plantas do jardim. Cinquentas e três anos atrás, esse mesmo homem lutou na Segunda Guerra Mundial como primeiro sargento das tropas nazistas, sob o impasse de matar ou morrer. Semelhante traçoado em traços alemães, cabelos brancos que um dia já foram loiros e olhos azuis que já vivenciaram terríveis cenas de agonia e violência humana. Este é Hirschmann - um homem marcado pela guerra.

Jörgen Hans Emil Hirschmann nasceu em Berlim, Alemanha, em 31 de outubro de 1916. Filho mais velho de cinco irmãos, começou a trabalhar aos 14 anos como aprendiz de ferramenteiro, não por necessidade, mas porque sua pai achava que daria mais valor aos estudos se tivesse que ganhar. Hirschmann conta que teve uma boa infância em Berlim, havia liberdade e bastante diálogo em sua família, contrária à ditadura hitlerista. Em 1937 foi chamado para o exército, mas recebeu dispensa. Motivo: condições materiais precárias. Em 40 já empregado, foi obrigado a servir. Em 41 recebeu a guerra contra a Rússia.

Amigo da Comunidade: troféu dado periodicamente pela empresa RBS de comunicação, a pessoas que se destacam por serviços prestados à comunidade.

Cinco e setenta - Hirschmann - lutou em combate na Itália e Rússia. Foi prisioneiro dos ingleses no campo de Altavona, na Itália.

Apesar ocupar o posto de primeiro sargento e receber muitas medalhas lutando pela Alemanha, Hirschmann afirma que é contra qualquer tipo de guerra. Diz que são fruto da ganância dos governantes e, por isso, não tem nada de nenhuma espécie. Para ele, "todo povo é bom, o que estraga é a

Nazismo, guerra e arrependimento

Hoje ele é um senhor de 79 anos que mora numa pequena e aconchegante casa estilo europeu e tem como hobby, em sua pacata vida de aposentado, o cultivo das plantas do jardim. Cinquenta e três anos atrás, este mesmo homem lutou na Segunda Guerra Mundial como primeiro sargento das tropas nazistas, sob o impasse de matar ou morrer. Semblante tranquilo em traços alemães, cabelos brancos que um dia já foram louros e olhos azuis que já vivenciaram terríveis cenas de agonia e violência humana. Este é Hirschmann - um homem marcado pela guerra.

Joachim Hans Emil Hirschmann nasceu em Berlim, Alemanha, em 31 de outubro de 1916. Filho mais velho de cinco irmãos, começou a trabalhar aos 14 anos como aprendiz de ferramenteiro, não por necessidade, mas porque seu pai achava que daria mais valor aos estudos se tivesse que pagá-los. Hirschmann conta que teve uma boa infância em Berlim, havia liberdade e bastante diálogo em sua família, contrária à ditadura hitlerista. Em 1937 foi chamado para o exército, mas recebeu dispensa. Motivo: estudava engenharia mecânica. Em 40, já engenheiro, foi obrigado a servir. Em 41, estourou a guerra contra a Rússia.

Contra a guerra - Hirschmann viveu a Segunda Guerra Mundial quase seis anos e meio, cinco deles em combate na Itália e Rússia. Foi prisioneiro dos ingleses no campo de Altamura, na Itália.

Apesar ocupar o posto de primeiro sargento e receber muitas medalhas lutando pela Alemanha, Hirschmann afirma que é contra qualquer tipo de guerra. Diz que são fruto da ganância dos governantes e, por isso, não tem mágoa de nenhuma nação. Para ele, “todo povo é bom, o que estraga é a

política”. Sobre o nazismo, Hirschmann observa que “nem todo o alemão é nazista assim como nem todo russo é comunista”. Sobre sua posição na época, é taxativo: “Se lhe apontarem uma arma e lhe mandarem tossir, você tosse.”

Resistente em falar sobre a guerra por considerá-la desumana, o ex-sargento de Hitler lamenta uma situação em que os soldados são obrigados a matar pessoas que nem ao menos conhecem e tirar sem piedade a vida de pais de família para não serem mortos. Lembra com pesar algumas situações que vivenciou durante aquele período, como a perda dos amigos, a prisão, o frio, a fome e a ideologia contra o seu povo.

Quando esteve abrigado com outro soldado na casa de uma família russa onde havia uma mulher, um velho e também três crianças, ofereceu balas e elas ~~que~~ se recusaram a comê-las, porque os russos diziam que os alemães matavam criancinhas. Então Hirschmann comeu uma bala para provar que não faziam mal. Só então as crianças aceitaram.

Ele conta que foi ferido três vezes por granada e fuzil. Foram ferimentos na nuca, nos olhos e na mão, onde até hoje aloja uma bala não-retirada para não prejudicar seus movimentos. Mas o ex-combatente acha que teve sorte de não perder nenhuma parte do corpo e, o melhor, não perder a vida, como tantos amigos.

Gelo no sangue - Foram 24 horas de combate a uma temperatura de 52 graus abaixo de zero. Era preciso enterrar-se na neve, que tinha uma temperatura de 1 grau, para que o sangue não congelasse. Muitos soldados tiveram que amputar pernas e braços. Para ele este foi um dos piores momentos de batalha, onde testou o limite das forças de seu corpo.

Hirschmann foi preso dois dias antes de terminar a guerra e, dos 18 meses em que esteve prisioneiro dos ingleses, mesmo depois da guerra,

relembra os três primeiros como os mais difíceis. Foi em Altamura, perto de Bari, sul da Itália. Num campo de prisioneiros ficavam por volta de dois mil militares. Eram ~~com~~ galpões, “não muito altos”, descreve, “com janelas e por fora corredores”. Eles dormiam todos juntos no cimento e recebiam duas refeições por dia. No almoço vinha sopa, que ele, rindo, recorda a composição: 98% de água e os restantes dois por cento até hoje não identificados. A outra refeição era típica dos ingleses: cinco passas e três bolachas que não enchiam nem a palma da mão, acompanhadas de chá. Os prisioneiros recebiam o necessário em calorias para não morrer, explica. O banho era só de “latinha” e não dava para trocar de roupa. Para Hirschmann, o pior de tudo era ficar na ociosidade, jogando cartas de vez em quando. Para fumar e beber só havia um jeito: vender os objetos pessoais. Apenas uma vez pôde comunicar a seus familiares que estava vivo/ e, o pior de tudo, não havia como fugir.

Depois de três meses no campo de prisioneiros/ foi mandado para Tarento, onde iria trabalhar em obras. Lá ficava em barracas de lona com mais 15 homens. Mais tarde voltou a Bari para trabalhar como enfermeiro e motorista, era difícil escapar. Sobre sua fuga, Hirschmann não quer falar, diz apenas que “deu um jeito”.

Fim do pesadelo - Terminados os momentos de terror, da guerra e da prisão, passou um tempo vivendo desregradamente e sem emprego. Em 1949 se casou e, em 52, veio para o Brasil com um contrato de emprego, para trabalhar como técnico de ferramentas. Não conhecia nada do país e nem ao menos falava o português. Chegou na época do governo Getúlio Vargas e acha que havia boas leis trabalhistas “que não eram cumpridas”. Em 57 nasceu seu único filho. Atualmente continua morando em Joinville. Gosta da cidade e não quer sair do Brasil, onde está há 43 anos.

Conhecedor de 11 países, elogia o povo sul-americano pela educação e delicadeza, características raras no alemão, que, segundo ele, é um povo muito frio, fechado e rude. Mesmo assim, não perde a oportunidade de criticar a falta de pontualidade dos brasileiros, qualidade dos alemães. Para o ex-sargento, “tudo fica mais fácil com pontualidade”.

Abençoam canhões - Hirschmann também possui uma visão muito particular da religião, apesar de sua formação protestante. Seu Deus é a natureza, “realidade que nos é visível”, e o Sol, porque “sem ele não sobreviveríamos nem cinco minutos”. Diante dos horrores da guerra, começou a desacreditar das religiões, que pregam não matar, mas abençoam canhões e tanques de guerra.

Nos piores momentos da luta, Hirschmann sempre foi otimista e acreditou que ia melhorar, lembrando as injeções e calmantes a que seus colegas eram submetidos à beira da loucura. Para ele, “a vida é como o mar, tem altos e baixos, o ciclo pode ser longo, mas ninguém escapa”.

Em 1982, Hirschmann foi para a Alemanha visitar familiares, mas não gostaria de voltar a morar lá. Se tivesse que passar por tudo novamente, teria outra opção: “Eu ia para a África, ia para o meio do mato”.

Olhos fechados, ouvidos bem abertos

João Antonio de Oliveira, de 54 anos, é um deficiente visual que há 12 toca acordeon em frente à agência da Caixa Econômica no centro de Joinville. Cego desde o nascimento, não pode fazer transplante de nos olhos porque não tem o nervo ótico. Mas isso não o impediu de dominar vários instrumentos musicais. Autodidata, começou cedo na música: aos sete anos ganhou um cavaquinho do tio e aprendeu a executá-lo ouvindo os outros tocarem. Com a ajuda do mesmo tio, que afinou o instrumento umas três vezes, João continuou seu aprendizado sozinho. Quando tinha 10 anos já tocava em bailes e com o dinheiro que ganhava comprou um bezerro. Vendeu-o para comprar uma pequena gaita de oito baixos. Em pouco tempo a sua habilidade na música ia crescendo como crescia o número de baixos da sua gaita. Foi numa festa do Divino Espírito Santo, no município de Barra Velha, que João ganhou uma sanfona de 24 baixos. Foi progredindo até torná-la pequena demais para o seu talento. Aos doze anos, ganhou de um representante da Scandali, uma marca italiana de acordeons, uma gaita de 80 baixos. O mesmo representante também quis adotar João e até a casa do garoto para falar com a mãe dele. Mas ela recusou e João perdeu a oportunidade de realizar seu maior desejo: sair de casa.

“Quando você passar por Itajuba, e ver aquela prainha, aquele mar, lembre-se sempre que ali eu sofri muito muito”. João diz estas palavras

passando discretamente a mão em seus olhos, quase fechados. Emocionado, fala pausadamente sobre a infância naquela praia, a 47 quilômetros de Joinville:

“Nasci em Itajuba, no sítio. Minha família era muito medíocre, muito ignorante. Por isso ela se amasiou com um coitado lá e teve eu. Porque sabe, Itajuba é litoral não é? Meu pai morreu antes de eu nascer e ela se juntou com outro homem. Foi procriando e tive outros irmãos. Minha mãe sempre demonstrou preferência por eles. Os meus irmão também eram muito ruins. Aprontavam e colocavam a culpa em mim. Viviam me chamando de demônio. Todos me desprezavam. E eu sofria tudo aquilo sem poder reagir, porque era indefeso. E eu tinha problema de gagueira, era raquítico, puxa vida, eu tinha tanto problema...”

Ele conta que se pudesse, gostaria de ter nascido em outra família e em outro estado devido ao preconceito que sempre sofreu dentro em casa e aqui em Santa Catarina. Hoje, dos nove irmãos que teve, seis estão vivos. Uns moram em Itajuba, outros em Joinville mas João não tem contato com todos devido ao preconceito que há em relação à sua deficiência. Mas a maior mágoa dele refere-se à mãe. E confessa: “A minha mãe era tão ruim que quando morreu não me deixou uma gota de saudade.”

A chance - A vida de João só começou a ter outro rumo na adolescência, quando, aos quinze anos, conheceu um casal sem filhos que se associou com seu padrasto, proprietário de um pequeno salão de bailes. O casal falou para o padrasto de João comprar uma bateria. Então ele animou alguns bailes no salão do padrasto tocando bateria e, mais tarde, o casal sem filhos o levou para tocar no Rio de Janeiro. João conta que o casal, apesar de explorar seu talento, pagando muito pouco, deu a ele a oportunidade de sair de Itajuba.

A partir daí, começou suas andanças e tocou em muitos lugares como a rádio Piratininga, em São Paulo, Guarujá, em Santos, PRB3, de Juiz de Fora e rádio Vera Cruz, do Rio de Janeiro. Também tocou em clubes e boates em Barra Mansa (Rio de Janeiro), Juiz de Fora e São Paulo. Até fez parte de um grupo sertanejo: *Rio Preto Campesino e "Joãozinho"*. Ele foi se aperfeiçoando cada vez mais ouvindo grandes músicos e conheceu muita gente e lugares. João evita comentar sobre essa época, mas a expressão do rosto e o silêncio não escondem que vivenciou muitas experiências naquele período. Retoma seu tom alegre e falante ao contar do momento que considera o mais importante da vida dele, quando, ao 24 anos, descobriu Deus: "A pessoa que eu mais amo na minha vida depois de Jesus, está em Minas Gerais e foi aquele que me transmitiu a mensagem de Deus. Ele se chama Jurandir Clemente". Porque eu não fui criado num lar familiar, fui mundano, andei em boates e outras coisas... E esse meu irmão transmitiu para mim a verdade de Deus. É com tremenda emoção que falo isso", desabafa ao lembrar do grande amigo.

João é capaz de recitar qualquer versículo da Bíblia e fala correta e fluentemente o português cada vez que dirige ao seu ouvinte um de seus conselhos. Há anos repete sua conhecida trovinha que um dia ouviu no rádio:

"Eu gosto de estudar,
a vida que todos tem.
Estudando a vida deles,
melhoro a minha também."

Ouvido atento - Mesmo com todo conhecimento que adquiriu, faz questão de frisar que é analfabeto. Ao ouvi-lo expressar-se com segurança e vivacidade,

fica quase impossível acreditar que aquele homem um dia foi gago. Sua entonação faz lembrar um pregador de igreja, ainda mais quando recita um versículo da Bíblia, sempre informando o livro, o capítulo e dando uma característica do apóstolo que escreveu. Dona Milídia, esposa de João há mais de 21 anos, tenta explicar o que parece mesmo um milagre: “Eu leio a Bíblia para ele de manhã e à noite. Às vezes eu penso que ele está dormindo mas está concentrado meditando.” Ela explica com o conhecimento de quem já tem muita experiência de convívio com um deficiente visual: “Para quem não enxerga é mais fácil se concentrar, não tem nada que tire a atenção. A gente que enxerga tá escutando e daí a pouco qualquer coisa distrai.”

Olhos azuis - Ela é uma mulher de sorriso aberto e expressivos olhos azuis. Tem 46 anos e nasceu em Brusque. Conheceu o marido em uma festa de aniversário numa fazenda perto de Itajaí. Era de família pobre e tinha muitos irmãos. Assim que se casaram foram morar em Curitiba. Hoje vivem em Araquari, um pequeno município a 10 quilômetros de Joinville. A casa fica na rua João Luiz Filho, 916, mais conhecida como “rua do inferninho”. É branca, de alvenaria, pequena e bem aconchegante. Na sala há uma estante cheia de livros, a maioria religiosos. O livro que se encontra mais à mão é a Bíblia Sagrada. Na estante há também um aparelho de som três em um e uma coleção de discos. No quarto do casal tem uma televisão que João faz questão de dizer que é colorida. Gosta muito de ouvir os telejornais e não perde o jornalista Bóris Casoy.

Dona Milídia nunca engravidou e também não procurou tratamento. Ela prepara um gostoso café com pão, bolachas e brigadeiro e arruma caprichosamente a mesa que está com toalha nova. João faz questão de orar agradecendo as visitas e o alimento que está na mesa. Quando termina de

rezar, volta a conversar animadamente. Está alegre como uma criança. É feriado, 12 de outubro, dia de Nossa Senhora Aparecida e também o do aniversário de Dona Milídia. As visitas são mais um motivo de festa. É um dia alegre na vida de João.

Amanhã reinicia a rotina. Ele e a esposa pegam o ônibus e vão para Joinville. Dona Milídia sustenta a casa trabalhando como empregada diarista. Mas todas as manhãs, antes de ir para o serviço, leva João até a rua do Príncipe, na frente da Caixa Econômica Federal. Lá ele senta na sua cadeira, toca o acordeon de 120 baixos e recebe alguns trocados das pessoas que passam.

João Antonio de Oliveira

DEPOIMENTO:

Um dia um conhecido nosso bateu lá em casa. Disse que havia chegado um homem com um carro bonito na casa "daquelas mulheres". Ele era representante da Scandalli, uma marca italiana de acordeon, e perguntou se alguém sabia tocar gaita por aquela região. Então vieram me chamar pois o homem queria me ver tocando. Eu tinha uns doze anos e na época, além de cego, tinha problema de gagueira, era pequeno, raquitico e muito tímido. Acabei indo até a casa das mulheres. Lá sentei numa mesa e uma delas veio oferecer uma bebida por conta do homem rico. Pedi uma cerveja preta. Trouxe a garrafa, abriu e a pôs com um copo na minha frente. Peguei muito devagarinho a garrafa que já estava aberta. Eu não queria molhar a mesa, não queria fazer um estrago ali na frente daquela gente. Consegui encher o copo sozinho, tomei, enchi mais outro e tomei. Enquanto isso o homem me observava. Então foi até o carro e ao voltar se aproximou e me disse: - Eu quero pôr isso aqui no seu colo. E pôs nas minhas mãos um acordeon de 120 baixos. Eu comecei a tocar. Depois ele trocou o acordeon de 120 baixos que estava comigo por um menor. Até aquele momento eu pensava que era só para eu tocar e continuei arranhando, lutando engarranchado, só com os quatro dedos que na época eu não usava o polegar. Foi então que o homem chegou para mim e disse: - Olha, esse acordeon aí é seu menino. Eu fiquei em suspense, não sabia o que falar. Respirei fundo tentando fazer de conta que não era nada e só consegui perguntar: -É meu? Ele confirmou docemente: - É. É seu. E eu fui para casa todo feliz levando o acordeon de 80 baixos abraçado no peito porque eu ganhei sem o estojó. Aí quando apareci com aquele acordeon novinho a minha família quase não acreditou e minha mãe foi logo perguntando: - De quem é isso? De quem é essa gaita grande? Eu respondi: É minha, ele me deu. E aquele homem gostou tanto de mim, que não satisfeito em me dar um acordeon de 80 baixos novinho, passado um tempo retornou lá em casa com as duas mulheres e pediu a minha mãe que eu fosse morar com ele. Disse que me daria tudo que precisasse. Mas minha mãe era tão má comigo, mas tão má, que não queria nem que outras pessoas gostassem de mim. Ela não deixou que fosse embora com o homem e ele nunca mais voltou.

João Antonio de Oliveira
cego

A engomadora convicta

Engomadora de toalhas, este ainda seria o trabalho realizado de forma artesanal por Margarida Ziebarth, não tivesse ela sofrido um derrame há três anos e que a fez sentir mais intensamente o cansaço da idade. Descendente de alemães, nascida e residente em Joinville durante todos os seus 75 anos, Dona Margarida, como é conhecida, “esticou” toalhas durante mais de trinta. O trabalho, que sempre fez com renovado prazer, lhe rendeu uma significativa ajuda nas despesas do lar.

Agora, é viúva e mora sozinha na casa número 48 da rua Frederico Birckholz. É uma rua calçada e pouco movimentada, onde a maioria das residências tem um muro baixo na frente, permitindo, aos que por ali passam, olhar os pequenos e bem cuidados jardins de flores. O de Dona Margarida é um dos mais bonitos, cheio de canteiros coloridos que embelezam ainda mais a pequena e aconchegante casa cinza de madeira onde mora. Sua filha de criação, Zoraide, de 60 anos e também viúva, é quem agora dá continuidade ao trabalho de engomar feito por Dona Margarida, além de cuidar das encomendas. Dona Margarida ajuda a filha no que pode e no que o cansaço dos anos permite. Mesmo assim, a casa em que vive está sempre arrumada e o jardim repleto de flores: “Foi meu marido quem fez estes canteiros com cimento em volta. Era para plantar verduras mas já que eu, sozinha, como muito pouquinho, preferi enchê-los de flores. Agora que não posso mais engomar, me distraio cuidando do jardim.”

No quintal há um quiosque de madeira com mesa e bancos, também feito pelo marido, Carlos Ziebarth. Dona Margarida lembra que, há doze

anos, eles costumavam almoçar lá nos domingos de calor, antes dele sofrer um derrame e falecer. Ela lamenta que o quiosque esteja começando a apodrecer e pede: “Espero que fique de pé até eu morrer”. Seu marido era tipógrafo mas lembra que também era muito caprichoso em casa e até ajudava a engomar toalhas: “Às vezes tinha que botar um alfinete muito perto do outro, conforme o acabamento, e ele me ajudava”, recorda com saudades.

Na escuta - Dona Margarida nunca engravidou e suspira: “Hum, e que vontade que eu tinha de ter filhos, mas não ficava grávida.” Por sorte, quando se casou, além do marido viúvo há apenas dez meses, ganhou dois filhos: Zoraide, de seis anos e Paul, de sete. As crianças aceitaram bem a nova mãe, principalmente Zoraide: “A menina sempre foi agarrada, no dia do meu casamento estava mais agarrada comigo do que eu com o meu marido”, lembra com risos. Hoje agradece a oportunidade de criar a menina que agora, uma senhora, é sua principal companhia.

Do casamento, também tem outra lembrança que hoje comenta achando graça mas que, naquele dia, a deixou preocupada. Ela casou em 42, em plena Segunda Guerra Mundial, quando os alemães eram perseguidos no Brasil. Em Joinville, os descendentes germânicos, como ela e o marido, tinham por hábito falar no idioma de origem, mas devido às perseguições, se viram obrigados a arranhar o português. Conta que na festa havia um soldado, testemunha do casamento. Segundo ela, só estava na escuta para ver se alguém falava em alemão. Dona Margarida ficou apavorada e só pensou: “Ai meu Deus, vão levar a gente pra cadeia”. Hoje comenta aliviada: “a sorte é que naquela hora todos estavam falando *brasileiro*. ”

Depois que casou, começou a fazer bordados para ajudar nas despesas. Saiu da fábrica para cuidar da casa e das crianças. Antes de parar de trabalhar

fora, tentou colocar uma empregada para cuidar do lar, mas não aprovou: “Empregada não dá certo porque quanto mais a gente trabalhava mais o dinheiro sumia. Elas não economizam como a gente. Aí eu fiquei em casa e comecei a bordar.” Eram encomendas para a *frau Kumling*, a cunhada do patrão do marido. Ela revendia e Dona Margarida recebia muito pouco pelo seu grande trabalho de paciência: “Eu era a primeira aluna no bordado quando ia para a escola, nas outras matérias não ia muito bem. E a *frau Kumling* fez um teste comigo: mandou bordar uma toalha e quando terminei só olhou do lado avesso para ver se era caprichosa.” Ela trabalhou durante quatro anos fazendo encomendas para *frau Kumling* revender, mas desanimou: “Os bordados eram todos feitos com meio ponto, era tudo muito fininho, muito pequenininho e eu ganhava pouco”. Dona Margarida mostra uma toalha com flores bordadas com meio ponto. O trabalho é tão delicado que dá a impressão de ser um desenho já estampado no tecido.

Tudo engomado - O capricho não é visto só nos bordados e nos canteiros de flores de Margarida Ziebarth. Cada mesa e balcão da sua casa possui uma toalha bordada ou engomada. A cozinha é repleta de enfeites de porcelana antigos e vidros pintados à mão. Sobre a porta há um pequeno quadro com a foto de um crucifixo talhado na madeira com um martelo e uma alicata em cada lado. Embaixo, uma inscrição em alemão: “*Kostbares blut Jesus, am kreuze vergossem, segne dieses haus, nimm e unter deinen schutz.*” Ele veio da Alemanha como presente da irmã. É uma oração pedindo para proteger o lar: “*Precioso sangue de Jesus, derramado na cruz, abençoe esta casa e a mantenha sob sua proteção.*” Dona Margarida não sabe traduzi-la perfeitamente mas a reza toda vez que chega em casa.

O trabalho com a goma surgiu por acaso na vida dela. Um dia seu marido chegou em casa e disse que vira *frau Kumling* engomando toalhas. Explicou mais ou menos como fazia, e Dona Margarida tentou repetir. Lembra que as primeiras experiências foram frustradas. “Eu esticava a toalha em uma tábua sem forro embaixo e grudava um monte de fiapo de madeira. E depois de pôr a goma passava ferro quente em cima e grudava tudo”, relembra, achando graça da falta de prática. Hoje, explica com uma experiência de mais de trinta anos e aproximadamente 55 mil toalhas engomadas: “Tem gente que gosta de toalha mais durinha, outras já querem mais molinha, então, dependendo disso eu faço uma goma de araruta mais grossa ou mais rala, escaldo, engomo e penduro no sol para secar. Depois, enquanto umas vão secando eu já vou esticando as outras, riscando e colocando os alfinetes para prender.”

Quando lhe perguntam se gostava de engomar, sua expressão dá um ar de saudade e, num suspiro, confessa: “Demais, demais... eu esquecia de tudo quando estava engomando.” E valoriza muito o trabalho afirmando orgulhosa que a filha tem muitas encomendas de pessoas ricas: “Olha, não sei quantos médicos e médicas trazem toalhas para engomar. Pobre não traz porque não tem dinheiro.” Ela sabe que em Joinville há grandes indústrias têxteis como a Doeller, Lepper e Douat e não esquece que hoje em dia existem toalhas que não precisam sequer serem passadas, mas é enfática: “Gosto tudo engomado”. E não é difícil de se perceber isso conhecendo melhor o interior da bem cuidada casa de Dona Margarida: móveis antigos, plantas, o retrato oval do marido e dela recém-casados e todas as toalhas impecavelmente engomadas.

O barbeiro de Joinville

Cento e cinquenta e seis mil e seiscentos. Este é, aproximadamente, o número de cortes de cabelo feitos por Cecílio Ramos, o barbeiro mais antigo de Joinville. Hoje, ele tem 77 anos e mais de 60 de profissão. O pai, Manuel Francisco Ramos, também barbeiro, teve 12 filhos, dos quais seis meninos. Todos os homens aprenderam o ofício. Hoje só estão vivos Cecílio e cinco irmãos. Já é aposentado, mas ainda atende alguns fregueses antigos na barbearia improvisada na garagem atrás de casa.

Cecílio Ramos nasceu na cidade de Camboriú e foi para Joinville com a família em plena revolução de 30. Lembra de um episódio ocorrido na época, quando ele, o pai e o tio foram comprar peixe no mercado municipal. Cecílio era um rapazote de 13 anos. "A gente viu uma turma de marinheiros chegando pelo rio Cachoeira. Estavam de uniforme vermelho e boina branca e começaram a lutar em outros soldados do 13 BC". A gente não sabia o que era aquilo. Ai eles gritaram: "Curtis, saxm del para não levararmos uma fadai". Então a gente se escondia atrás de madeiras de um... Não comovamos nada."

Aos 20 anos, Cecílio casou com sua primeira esposa, falecida há 3 anos. Tiveram quatro filhos. Continuou sempre como barbeiro, atividade que rende o sustento da família e os estudos que pôde dar às crianças. Hoje, nenhum dos filhos possui ajuda financeira. Na parede da barbearia que fica atrás do bar de um jantar onde aparecem ele, seu filho mais velho e Alvaro Chon, o representante de Paraná. Orgulha-se da barbearia, época em que o pai também ocupava o cargo de chefe de polícia. Também menciona o cargo que o mesmo ocupou após a morte de mais de 400 soldados do Exército no Brasil.

Frau: senhora, na língua alemã

O barbeiro de Joinville

Cento e cinquenta e seis mil e seiscentos. Esse é, aproximadamente, o número de cortes de cabelo feitos por Cecílio Ramos, o barbeiro mais antigo de Joinville. Hoje ele tem 77 anos e mais de 60 de profissão. O pai, Manuel Francisco Ramos, também barbeiro, teve 12 filhos, dos quais seis meninos. Todos os homens aprenderam o ofício. Hoje só estão vivos Cecílio e cinco irmãs. Já é aposentado, mas ainda atende alguns fregueses antigos na barbearia improvisada na garagem atrás de casa.

Cecílio Ramos nasceu na cidade de Camboriú e foi para Joinville com a família em plena revolução de 30. Lembra de um episódio ocorrido na época, quando ele, o pai e o irmão foram comprar peixe no mercado municipal. Cecílio era um rapazote de 13 anos: "A gente viu uma turma de marinheiros chegando pelo rio Cachoeira. Estavam de uniforme vermelho e boina branca e começaram a atirar em outros soldados do 13 BC*. A gente não sabia o que era aquilo. Aí eles gritaram: Guris, saem daí para não levarem uma bala! Então a gente se escondeu atrás de madeiras de trem. Nem compramos peixes".

Aos 20 anos, Cecílio casou com sua primeira esposa, falecida há 5 anos. Tiveram quatro filhos. Continuou sempre como barbeiro, atividade que rendia o sustento da família e os estudos que pôde dar às crianças. Hoje, adultos, os filhos podem ajudá-lo financeiramente. Na parede da barbearia está pendurada a foto de um jantar onde aparecem ele, seu filho mais velho e Álvaro Dias, ex-governador do Paraná. Orgulha-se da lembrança, época em que o filho era secretário do governador. Também comenta satisfeito o cargo que o mesmo ocupa agora: diretor da rede de agências do Bamerindus no Brasil.

Seu Cecílio só estudou até a quarta série do primário e brinca: “Sou muito burro.” Quando tinha 14 anos seu sonho era o de ser torneiro mecânico. Então foi até a fábrica de máquinas Raimann pedir um emprego: “Quando cheguei lá a primeira coisa que me perguntaram era se eu sabia falar alemão. Eu disse que sim pois minha mãe era descendente de alemães e havia ensinado eu e meus irmãos. Responderam que não tinha cara de alemão. Mesmo assim, concordaram em ensinar o ofício contanto que eu trabalhasse de graça durante seis meses para ganhar experiência. Meu pai não aceitou e me mandou ser barbeiro como todos os meus irmãos.”

Casa cheia - Cecílio Ramos prosperou na profissão do pai. Aos 16 anos já tinha um salão próprio no centro de Joinville. Fregueses nunca lhe faltaram e houve uma época em que contratou mais dois ajudantes para trabalhar com ele no salão. Seu freguês mais antigo é o Capitão Nilo Gomes, de 77 anos, que desde moço corta o cabelo com ele. Cecílio demonstra seu apreço pelo velho amigo e fiel freguês: “Quando a barbearia está fechada e ele vem cortar o cabelo, eu abro para atendê-lo.” Ele se orgulha de ser o barbeiro mais antigo de Joinville: “Eu sou o primeiro, o mais velho. Depois vem o Köenthop e em terceiro o Hoffmann. Do resto já morreram todos.”

Com tantos anos de experiência, o barbeiro detesta palpites em seu trabalho. Para ele, os moços são os mais “enjoados”: “Eles dizem corta mais aqui, corta ali, querem me ensinar. Ensinar um padre a rezar missa”. E reclama: “Eu tenho 60 anos de barbeiro, se não aprendi até hoje não aprendo mais, né?”

Hoje atende poucos clientes, a maioria antigos. A barbearia, atrás de casa, abre tarde e fecha cedo. O barbeiro está em tratamento médico e não tem mais idade para trabalhar muito. Mesmo assim, o pouco dinheiro que ganha,

cobrando 5 reais por corte de cabelo, ajuda a pagar os caros remédios que precisa comprar e não consegue apenas com os dois salários que recebe de aposentadoria. Mas logo a segunda esposa, com quem é casado há um ano, também vai se aposentar, como empregada doméstica. Então ele fechará de vez a sua barbearia, mesmo para os amigos e fregueses mais próximos.

13 BC: Décimo terceiro batalhão de caçadores.

A mais fiel torcedora do JEC

Hoje tem jogo no Ernestão. É final de campeonato e o estádio está lotado. Na arquibancada, alguém chama a atenção. É uma simpática senhora, cerca de 80 anos, menos de um metro e meio de altura e cabelos completamente brancos. Seu nome é Rosa Sebastiana de Oliveira, mas por ali todo mundo a chama de “Rosa do cabelo branco”. A popular torcedora do Joinville Esporte Clube, faz igual sucesso na Fenachopp. Depois de participar durante cinco anos, se tornou uma figura típica da festa e até ganhou o patrocínio da prefeitura para ser uma das *Fridas**. Vestida com seu traje alemão, “Vovó Rosa da Fenachopp”, como também é conhecida, não pára um minuto: brinca no meio da multidão ao ritmo alegre das marchinhas, percorre faceira os 18 camarotes do baile e, quando se vê, já está lá no palco tocando pandeiro com os músicos da banda. Vovó Rosa participou dos 19 bailes da Fenachopp sem perder a disposição. E não pára por aí: ela sai para dançar todas as sextas, sábados e domingos. Freqüenta bailes e as discotecas mais badaladas de Joinville e, por sua simpatia e popularidade, entra de graça em todos os lugares que vai, sempre com a certeza de que encontrará muitos conhecidos.

“Eu estou pior que bico de galinha, todo mundo me conhece”, confessa Vó Rosa, rindo da própria popularidade. Ela nasceu no dia 20 de janeiro de 1913, em Camboriú e já mora em Joinville há mais de 30 anos. Casou com 22 anos e ficou viúva aos 37. “Depois que meu marido faleceu de câncer mudei de religião: virei crente da Assembléia de Deus. Fiquei velhinha dentro da igreja. Hoje sou crente da dança”, brinca Vó Rosa.

Ela teve apenas um filho, Silvio, que está com 56 anos e é separado da mulher. Vó Rosa convive mais com a nora, que para ela é como uma filha, e mora em uma meia-água de material nos fundos da casa de uma família de crentes. Ela

pondera: “São muito bons comigo, não são daqueles crentes enjoados não. Gostam tanto de mim que só me deixam sair daqui quando for para o cemitério.”

Apesar de ter tido apenas um filho, Vó Rosa tem 5 netos e está esperando seu décimo quinto bisneto. “Todos casaram, todos tiveram filhos”, conta orgulhosa a bisavó.

Buraco na cabeça - Aos 82 anos, tem uma saúde de ferro e raramente sente algum tipo de dor. Ela revela como se livra das doenças da idade: “Quando tenho algum problema, opero. Vou lá, corto, já saio brincando e não tenho mais nada. Já operei adenóide, amígdalas, apêndice, tirei trompas, ovário, útero, operei as duas vistas porque eu tinha uma queimadura no globo ocular, e aproveitei para tirar a catarata. O médico não pôde mexer muito senão iria vazar a vista, por isso estou usando lente de contato. Mesmo assim não enxergo bem. Também faz dois anos que arranquei a minha mão e tive que operá-la para colocar no lugar. Ela não vai mais para frente nem para trás. E mais: tenho um buraco na cabeça que é suspeita de câncer”, diz mostrando o furo escondido entre a fofa cabeleira branca.

Faz mais de um ano que Vó Rosa não vai ao campo assistir aos jogos do JEC, por causa do problema nos olhos: “Quando eu enxergava não perdia um jogo. Fosse dia, fosse noite, chovesse ou não, eu nem pensava: ia para a arquibancada.” Mesmo assim, não deixa de acompanhar as partidas pelo rádio, apesar de desanimada com o time: “O JEC já foi JEC. Hoje não é mais”, lamenta a fiel torcedora.

Ainda no tempo em que “o JEC era JEC”, Vó Rosa lembra a época em que participava do carnaval de rua da cidade: “Havia uma porção de escolas de samba aqui em Joinville. Hoje a única que sobrevive é a do Kênia Clube. Eu desfilava na Fúria Tricolor, do JEC. Aliás, fui eu que plantei essa semente,” relembra. E anima-

se: “Se o Freitag [prefeito Wittich Freitag] incentivar novamente o carnaval de rua em Joinville, eu volto a desfilar. Estamos aí.”

Enquanto isso não acontece, Vó Rosa encontra outras alternativas de divertimento, como a Fenachopp, realizada todos os anos no mês de outubro. Ela conta como ganhou tanta popularidade na festa: “Quando a Fenachopp começou, eu resolvi participar, ver como é que era aquilo lá. Até que um dia me entrevistaram e ofereceram uma roupa típica. Eu fiquei meio assim mas... botei, gostei ... , perdi a vergonha. Agora todo mundo me chama de Vovó Rosa da Fenachopp.”

Em todo o lugar que vai, faz novos amigos e cativa a todos com sua alegria. Faz grande sucesso entre os jovens quando vai nas discotecas: “Todo mundo me cuida, sou pajeada como criança. Me abraçam, me beijam na cabeça, é Vó Rosa pra lá, Vó Rosa pra cá , eu sou uma peteca.” Ela revela sua paixão pela dança: “Adoro dançar, mas tem que ser música ligeira. Por isso os velhos não dançam comigo. Se eles começam a dançar devagarinho, tudo engarranchado, eu deixo no salão.” É exigente na escolha do par: “Tem que dançar ligeiro e ser mole no corpo. Comigo não, eu sou toda mole.” E diz, aos risos: “É por isso que eu me entendo com essa mocidade, eles dançam discoteque, dançam tudo doido mesmo!”

Mas tem uma cena que a deixa muito triste, quando sai para se divertir: “São esses jovens que só ficam bebendo. Já vão direto no cuba, que é uma bebida forte. Tomam um, tomam outro e daqui a pouco já estão com o queixo na mesa. Eles não sabem aproveitar nada da vida,” lamenta a festeira idosa que bebe uma cervejinha só de vez em quando.

Quem vê essa senhora tão alegre, por certo imagina que ela devia ter aprontado quando era moça. Mas Vó Rosa confessa que está curtindo a vida agora na velhice. Lembra que, na sua juventude, as moças quase não se divertiam, pois,

naquele tempo, corriam o risco de ficarem “faladas”: “Quando era mocinha, o pai e a mãe levavam a gente no baile e não desgrudavam um minuto. Nem os casais que já eram noivos podiam andar abraçados. Era um lá e outro cá.”

Vó Rosa tem razão: hoje as coisas são diferentes. Sorte dela, que, apesar de não ter aproveitado tudo em sua época, está recuperando o tempo perdido aos 82 anos.

uma, quando ela se para e começa a falar, não dá para ouvir o que ela diz. Ela mora nas esquinas de Juville há 15 anos.

“Mulher de Turbante”, assim passaram a chamar a misteriosa senhora. Pequena, mas ágil, sempre usando um turbante na cabeça e carregando uma bolsa de pano preta, fica o dia inteiro parada nas esquinas da cidade, com o olhar distante. Quando não faz isso, passeia pelo centro da cidade, visitando sempre os mesmos lugares: feitorais, supermercados, prefeitura, Banco do Brasil e batalhão de infantaria. Se perguntam o que está fazendo, responde: “Estou trabalhando”.

O motivo pelo qual Alida Giovanela passou a se comportar dessa maneira é um mistério que desperta a curiosidade nas pessoas que costumam vê-la em seus principais pontos de parada. Dona Alida é descendente de italianos e nasceu no município de Rio dos Cedros, perto de Blumenau, em 3 de novembro de 1925. Vive em Juville há 40 anos. Nos últimos anos, mora na rua Otto Lepper, centro, na casa de Zélia Tomullin e sua família. Em casa, nunca tem problema, pois sempre foi “calma, limpa e respeitosa”.

Como Frida: Nome feminino germânico. Nas festas alemãs do sul do Brasil, as mulheres que se vestem tipicamente são chamadas de Frida. Mas Zélia lembra que naquela época, já se comportava de forma estranha.

A misteriosa mulher do turbante

Uns dizem que ela perdeu o marido na guerra e fica ali esperando sua volta. Outros comentam que passou a ter esse hábito depois que o noivo a abandonou na porta do altar. Também acham que perdeu o filho em um acidente de carro e fica ali esperando por ele. As versões são muitas mas, na verdade, ninguém sabe ao certo porque aquela pequena mulher de turbante rubi, cabelos cor de prata e roupas modestas mas alinhada, fica parada nas esquinas de Joinville há 15 anos.

“Mulher do Turbante”, assim passaram a denominar a misteriosa senhora. Pequena, mas altiva, sempre usando um turbante na cabeça e carregando uma bolsa de pano preta, fica o dia inteiro parada nas esquinas da cidade, com o olhar distante. Quando não faz isso, caminha pelo centro da cidade, visitando sempre os mesmos lugares: hospitais, supermercados, prefeitura, Banco do Brasil e batalhão de infantaria. Se perguntam o que está fazendo, responde: “Estou trabalhando”.

O motivo pelo qual Álda Giovanella passou a se comportar dessa maneira é um mistério que desperta a curiosidade nas pessoas que costumam vê-la em seus principais pontos de parada. Dona Álda é descendente de italianos e nasceu no município de Rio dos Cedros, perto de Blumenau, em 5 de novembro de 1925. Vive em Joinville há 40 anos. Nos últimos vinte, morou na rua Otto Lepper, centro, na casa de Zélia Tomellim e sua família. Em casa, nunca deu problema, pois sempre foi “calma, limpa e caprichosa”. Como não pagava nada, costumava ajudar na limpeza, mantinha as coisas em ordem e até capinava o quintal. Quando estava em casa, vivia trabalhando. Mas Zélia recorda que naquela época, já se comportava de forma estranha.

Tinha mania de benzer os cantos da casa com galho de arruda, dizia ser filha de pessoas famosas, como Cristóvão Colombo e Getúlio Vargas, e trabalhar no Banco Central.

Passeios noturnos - Desde aquela época, dava longos passeios e ficava nas esquinas, sempre incansável. Com chuva, raios e trovões ou um sol escaldante, ia para o seu “trabalho”. Apesar da idade, nunca se queixou de dor ou ficou doente. E não era só durante o dia que perambulava pela cidade: saía de noite, chegando a voltar só por volta das quatro horas da madrugada. Certa vez foi assaltada e houve uma noite em que Zélia foi acordada de madrugada pela vizinha para acudir Dona Álida. Ela estava sendo perseguida por um homem com um pedaço de pau. Preocupada, Zélia começou a cortar seus passeios noturnos. Mesmo assim, ela chegou a ser agredida até durante o dia. O motivo foi patético: Dona Álida tem mania de dizer para todo mundo que no batalhão tem cama, comida e roupa lavada, e que o Banco do Brasil dá dinheiro. Tinha gente que acreditava e ia. Depois vinha tomar satisfação.

Fora essas encrencas em que Dona Álida se mete de vez em quando, Zélia não tem queixas e a considera uma pessoa generosa. Vai à missa todos os domingos, dá esmolas, gosta de crianças e, todo mês, quando recebe a aposentadoria, compra um “presentinho” para Zélia. Costuma dar sempre a mesma coisa, “toalhinhas de mesa, bolachas ou sabonete”.

Álida Giovanella é aposentada pela malharia ARP e recebe 100 reais por mês. Trabalhou como costureira durante 25 anos e as colegas da época comentam que era uma ótima funcionária. Depois começou a se comportar de maneira estranha e foi afastada do trabalho para fazer um tratamento. Ficou três meses internada na Clínica Psiquiátrica de Joinville, mas não adiantou e foi aposentada por invalidez.

Namoro frustrado - A “mulher do turbante” tem parentes em Jaraguá do Sul, Pomerode, Rio dos Cedros e Joinville, mas poucos vão visitá-la. É solteira e desde que foi para Joinville só morou com pessoas estranhas. Quem a conheceu bem, logo que chegou em Joinville, foi Edite Bruckner, hoje com 74 anos. Ambas dividiram o aluguel de uma casa perto do batalhão. Ela lembra que, na época, Álida era uma moça de hábitos absolutamente normais. Já era costureira da ARP, tinha enxoval, máquina de costura e até uma bicicleta. Além disso, “se vestia bem e era dedicada nas tarefas domésticas”.

Edite também lembra que ela tinha um namorado. Os dois ficaram juntos alguns anos até que um dia o rapaz arranhou outra moça. Álida deixou de sair e perdeu o interesse por tudo. Depois disso, nunca mais namorou. Edite desistiu de morar com Álida porque ela começou a freqüentar centros espíritas e fazer “trabalhos”. Sobre o comportamento que apresenta hoje, Edite considera que possa ter sido por causa do desgosto em relação ao namoro.

Filha de Getúlio - Hoje Dona Álida está com 70 anos. Faz três meses que Zélia e sua família se mudaram da casa na rua Otto Lepper e não tiveram condições de levá-la junto. Então entraram em contato com parentes de Dona Álida para prestarem auxílio, já que ela não pode mais ficar andando o tempo todo na rua. Mas nenhum quis tomar conta e propuseram que fosse para um asilo. Dona Álida não quis de jeito nenhum. Passou, então, a morar com a vizinha Adelaide, de 37 anos, e dois filhos. Adelaide cobra 100 reais para cuidar dela. Apesar de não dar trabalho, os costumes da “mulher do turbante” continuam os mesmos: insiste em ser filha de Getúlio Vargas, funcionária do Banco Central e sai todos os dias para “trabalhar”. Também tem uma misteriosa bolsa que não larga nunca. Lava a roupa com a bolsa pendurada no ombro e dorme agarrada a ela. Algum tempo atrás os parentes resolveram abri-

la e desvendar o motivo de tanto apego. Estava cheia de moedas antigas, todas sem valor. Um peso inútil que carregou durante anos. Agora que chegou nos 70, Dona Álida começa a reclamar de dor nas pernas. A cada dia, está definhando mais fisicamente. Os exames físicos e psiquiátricos nada acusaram, apesar de dizer, no próprio hospital, que era filha de Duque de Caxias.

A “mulher do turbante” continua perambulando pelo centro de Joinville. Agora “trabalhando” um pouco menos pois o médico receitou um remédio para fazê-la dormir. Mesmo assim, ainda é possível vê-la parada em alguma esquina.

As pessoas continuarão contando histórias de que ela está esperando o marido que não voltou da guerra, o noivo que a abandonou na porta do altar ou o filho que morreu acidentado. Nada foi confirmado e ninguém sabe ao certo o motivo da espera. Talvez, nem ela mesma.

- Ah, ah, Joinville! "

O trecho acima, ainda na ortografia antiga, faz parte de reportagem sobre a Rádio Difusora de Joinville, publicada na revista "Vida Nova" de 9 de março de 1991, edição comemorativa do centenário de Curitiba. O "logo idealizador" é Wolfgang Brosig. Hoje é um senhor de 78 anos, alto, cabelo branco e olhos azuis herdados de sua descendência alemã. Brosig fundou a Rádio Difusora, a primeira na cidade e a terceira no estado. Viveceu as primeiras fases do veículo, desde a época das radiorreleas, dos programas de amadorismo feitos ao vivo e com poucos recursos técnicos, até as missões solistas pelo rádio na época do regime militar, a censura e a guerra.

O “pai do rádio” em Joinville

“Há onze anos passados, um moço idealista fundava nesta cidade, uma estação de rádio. A principio, ninguém acreditava. Não era possível uma estação de radio em Joinvile ! E como tudo no inicio, não foram poucas as dificuldades surgidas. (...) O moço idealista, porem, filho de Joinvile, já havia traçado em seu espírito construtor, a realização de uma obra que elevaria sua terra natal no conceito das cidades adiantadas, que fulguram em todo o territorio nacional. (...) Trancado em sua sala de trabalho, no meio de uma infinidade de fios, condensadores, válvulas, resistenciais, ferros de soldar e mais series e series completas de chaves e parafusos, confeccionou êle, um aparelho transmissor, que dentro em breve seria a voz de Joinvile a ecoar em céus brasileiros, para orgulho de todos os joinvilenses. Ligados todos os fios, mais amplificador, microfone e outros ingredientes semelhantes, restava ver se funcionava !

-Alô, alô, Joinvile ! ”

O trecho acima, ainda na ortografia antiga, faz parte da reportagem sobre a Rádio Difusora de Joinville, publicada na revista “Vida Nova” de 9 de março de 1951, edição comemorativa do centenário da cidade. O “moço idealizador” é Wolfgang Brosig. Hoje é um senhor de 78 anos, alto, magro, cabelos louros já esbranquiçados e olhos azuis herdados de sua descendência alemã. Brosig fundou a Rádio Difusora, a primeira na cidade e a terceira no estado. Vivenciou as primeiras fases do veículo, desde a época das radionovelas, dos programas de auditório feitos ao vivo e com poucos recursos técnicos, até as pressões sofridas pela rádio na época do regime militar, a censura e a guerra.

O início - Tudo começou em 1938. Brosig trabalhava como técnico de rádio no Serviço de Alto Falantes, no centro de Joinville. Na época, as rádios ouvidas na cidade eram a Record, Excelsior e a rádio *Escuela Universal*, da Argentina. Durante o dia era sintonizada a rádio Atlântica, de Santos. Sabendo que Getúlio Vargas faria um discurso no dia da Independência, Brosig e seus amigos, “como bons brasileiros”, queriam transmitir a mensagem do presidente para os joinvilenses. Como a recepção no Serviço de Alto Falantes era muito ruim, ele montou um pequeno transmissor e irradiou o discurso da sua casa, na rua Pedro Lobo, no centro. Depois houve a transmissão no Serviço de Alto Falantes e, a partir disso, surgiu a idéia de inaugurar uma rádio na cidade.

No início, Brosig conta que o estúdio era no porão da casa. A rádio funcionava do meio-dia até as duas e das seis da tarde até as dez da noite. A programação era apenas musical. Na hora do almoço tocavam músicas mais calmas, clássicas e populares, depois tangos e sambas e à noite havia um programa ao vivo de moda de viola. Mais tarde vieram as propagandas e a transmissão de solenidades cívicas, como desfiles militares e discursos. Brosig, sozinho, *tocava* a emissora: colocava os discos, fazia a locução e a operação de áudio.

Em 1940, foi montado um estúdio na rua das Palmeiras e, em 41, formou-se uma sociedade anônima com alguns sócios, como Walter Brand, Eugenio Boehn e João Piepper, dono da loja de discos da cidade. Naquele ano, Brosig também casou com Juracy Maria da Luz. Conta que o casamento foi mal-visto pela sociedade porque ele desmanchou o noivado com uma moça de origem alemã. Lembra os comentários da época: “Como pode um alemão

casar com uma *blaue* [azul]”, termo alemão usado de forma pejorativa, com o mesmo significado de *cabocla*.

Apesar do preconceito, o casamento de Brosig e Juracy deu certo, juntamente com o sonho da rádio. Antes de casarem, ela já era sua secretária e, depois, acabou escrevendo e atuando nas radionovelas produzidas pela emissora. Dirigiu também um famoso programa feminino da época, *Beleza, arte e elegância*.

As gafes - Brosig lembra o quanto foi divertido fazer radioteatro. A produção, bastante rudimentar, tinha como atores ele, a esposa, o locutor e o restante do pessoal da rádio. Desde os ruídos aos diálogos, tudo era feito ao vivo dentro do estúdio e, por isso, os erros apareciam com frequência. Lembra de uma das maiores gafes que presenciou no radioteatro. Ao invés de dizer “está aqui a chave, tranquei a porta”, o radio-ator faceiramente dramatizou: “esta aqui a porta, tranquei a chave”.

Algumas radionovelas, como “Irmãos Coragem”, patrocinadas pela Palmolive e Colgate, eram mandadas em discos pelo correio. Cada episódio, lembra, “vinha em um disco que naquele tempo eram grandes como roda de carroça”. Às vezes o correio atrasava e a radionovela era suspensa temporariamente. O antigo radialista recorda de outro grande sucesso, o “Hit Parade”. O programa americano também vinha gravado em disco. Segundo Brosig, era o tempo áureo de Frank Sinatra, hoje com 80 anos.

Os programas de rádio locais faziam igualmente sucesso. “Vozes da Juventude” tinha grande audiência. Era apresentado ao vivo nos domingos com um coral de crianças acompanhadas da pianista e professora, Laura Andrade. Também havia o programa “Voz do Estudante”, apresentado às quintas-feiras, e o famoso programa do Fausto Rocha, que superlotava com 300 pessoas o

auditório de apenas cem lugares, fazendo o maior sucesso entre os jovens na faixa etária dos 14 anos.

Rádio nas ruas - Os primeiros programas eram quase todos gravados em auditórios e no estúdio. Com o tempo, a rádio foi invadindo cada vez mais as ruas e acompanhando de perto os acontecimentos. Mas com os poucos recursos de edição e transmissão oferecidos na época, havia muitas dificuldades. Brosig lembra de uma campanha de arrecadação de fundos para o Lar de Crianças Abdon Batista. A apresentação do coral infantil foi gravada na própria instituição. Ele conta a “trabalheira” que deu: “Naquele tempo o gravador era grande e as fitas, de papel. Geralmente só tinha um. Então gravamos toda a cantoria e depois fizemos a montagem, que consistia nas seguintes etapas: ouvir o canto, cortar, colocar de lado, fazer a parte falada e grudar os pedaços de fita com durex. Depois que eu e minha mulher já tínhamos deixado tudo arrumado em cima de uma mesa grande e íamos começar a colagem, aconteceu um desastre: entrou um gaiato, abriu a porta e voou tudo com o vento. Levamos uns três dias para acertar aquilo de novo”, recorda Brosig, rindo, hoje, da falta de sorte.

Mesmo com os limites impostos pela falta de recursos técnicos, a Rádio Difusora insistia em oferecer o máximo de lazer e informação para seus ouvintes. Foi uma das primeiras a colocar repórteres com telefone sem fio em campos de futebol. Quando o América, de Joinville, ganhou o título de campeão estadual foi jogar em Porto Alegre. A rádio Difusora transmitiu o jogo *ao vivo* da capital gaúcha. O radialista destaca: “Hoje uma transmissão como esta é muito simples, mas naquele tempo começamos as negociações um mês antes. Acabou sendo feita por linha telefônica de Porto Alegre para o Rio de Janeiro, do Rio para Curitiba e de Curitiba para Joinville. Nós estávamos

em Porto Alegre e só soubemos como a transmissão saiu depois que chegamos aqui, porque na época não havia retorno.”

A censura - Além dos limites técnicos, Brosig fala de outros, impostos à rádio na época da guerra e da censura. Em 1937, veio a lei da nacionalização e, mensalmente aparecia um fiscal do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) na emissora. Naquele período chegaram a proibir que fossem tocadas músicas de autores alemães, lembra o radialista. “Uma vez, o rapaz que estava fazendo o programa estudantil ‘Voz do Estudante’, se despediu dos ouvintes dizendo: ‘Tchau, até quinta’, porque o programa era nas quintas-feiras. Logo depois, o delegado de polícia me telefonou reclamando que o rapaz não podia falar isso porque estava chamando a *quinta coluna**”, recorda Brosig.

Também comenta que sofria preconceitos pela sociedade e não tinha como conciliar a situação. De um lado os alemães de Joinville, já inconformados com o seu casamento com uma *blaque*, resolveram boicotá-lo de vez após ter criado, para a rádio, o slogan, “Bandeirante da Brasilidade”. De um dia para o outro os anunciantes desapareceram. Ao mesmo tempo em que desagradava os alemães da cidade, durante a guerra fora perseguido pelo governo, justamente pela descendência germânica.

Wolfgang Brosig estudou na *Deutsche Schule*, escola alemã de Joinville, e só aprendeu o português aos 14 anos, quando entrou no curso ginásial. Seu avô [Otto Boehm] era dono do *Kolonie-Zeitung*, jornal alemão mais antigo do sul do Brasil. Assim como Brosig, muitos joinvilenses só sabiam falar o alemão. Com as perseguições da guerra, muitos tiveram que arrancar o português e várias pessoas foram presas inocentemente. Lembra de uma delas: “Certa vez um delegado quis prender um alemão lá do Pirai. O pobre

do colono tinha um daqueles rádios grandes da época, bonito, cheio de botões. O delegado pediu para eu dizer que o rádio transmitia mensagens para submarinos. Expliquei a ele: ‘Esse rádio não pega nem resfriado, que dirá transmitir mensagens. Solta esse coitado, o rádio é a única diversão que ele tem’.”

Fim da guerra - Foram tempos difíceis aqueles, mas Brosig também tem belas recordações, como o fim da guerra e a chegada dos expedicionários em Joinville. Neste período foi feito exercício de *blecaute* na cidade. Todas as noites, às dez horas, o comandante do batalhão de infantaria transmitia o aviso pela emissora. “Quando fomos informados de que os expedicionários estavam chegando, a rádio pediu para todos acenderem as luzes”, diz lembrar que no mesmo instante a cidade ficou iluminada, tamanha era a audiência da emissora.

A Difusora foi a única emissora em Joinville até o ano de 1958, quando foi fundada a Rádio Colon. Hoje a cidade conta com quatro AMs e quatro FMs. Apesar da ampliação técnica e do avanço tecnológico, Brosig lamenta que as pessoas tenham perdido hoje, o patriotismo daquela época, que, segundo ele, se refletia nos programas de rádio. Também está decepcionado com a educação e, recorda, saudoso, o tempo em que sua esposa Juracy, era secretária da Educação em Joinville. Para ele, foi um dos melhores momentos da escolarização do município.

“Pai do rádio” - No ano passado, Brosig ganhou o título de “pai do rádio” em Joinville, uma homenagem do Sindicato dos Radialistas. Mas ele diz não se importar muito com essas coisas. Tem uma vida simples. Viúvo há 8 anos, Brosig mora há cinco com a companheira Inácia Ramos (Lili), e dois filhos dela. Vendeu seu apartamento no centro e comprou uma pequena casa branca de alvenaria no bairro Bom Retiro, onde vive hoje. Contente, o radialista

confessa que Lili é o seu “anjo de guarda” e que não conseguiria mais viver só. Quanto ao radialismo, declara sem rodeios: “Naquele tempo nós fazíamos radialismo por amor à arte; hoje ele é feito por amor ao dinheiro.”

Quinta-coluna: qualquer indivíduo (nacional ou estrangeiro) que atua em um país em guerra, ou prestes a entrar, auxiliando uma invasão, espionando ou fazendo propaganda subversiva.

Lá vai a Rosa...

Lá vai ela com os pés enfaixados e a bengala na mão. Lá vai a velha mocinha, sempre vaidosa, com seu vestido comprido bem apertado na fina cintura. Circula entre as pessoas, às vezes brincando, outras ameaçando com a bengala qualquer um que cismar de perguntar como vai o seu pé. Lá vai a “Rosa do pé inchado”, sabe-se lá para onde, perambulando pelas ruas de Joinville, como faz há mais de 50 anos.

Rosa Correa é o nome de batismo, mas todo mundo a conhece como “Rosa do pé inchado”. Nasceu em Araquari, na localidade de Porto Grande, em dia 8 de julho de 1913. Os pais, Elisiário Correa de Oliveira e Cypriana Ana Conceição, morreram cedo, deixando órfãs ela e sua irmã de dois anos, Maria. As crianças foram criadas por parentes. A irmã casou cedo com um primo e foi morar em Joinville, onde tiveram quatro filhos. Agora já faz 10 anos que faleceu, vítima de um derrame cerebral. Rosa também saiu ainda moça da casa dos tios e veio para Joinville.

Trabalhou alguns anos com a irmã, no Hospital São José, mas entrou e saiu do serviço três vezes. Dizia que “gostava de liberdade”. Depois que Maria mudou de emprego, quis deixar Rosa trabalhando na casa dela e cuidando de seus filhos pequenos. Ela teria onde morar e poderia sair nos finais de semana. Mas Rosa também não agüentou muito tempo e saiu da casa da irmã. Foi para Curitiba e lá trabalhou na casa de um farmacêutico. Nesta época teve uma filha. O pai da criança sempre foi o maior segredo de Rosa. Há quem diga, como Justina Peixe Moreira, conhecida de Rosa, que era o patrão farmacêutico. Outras pessoas, como Carmelina da Conceição, que conviveu com Rosa durante quinze anos, dizem que ela foi amante de um

conhecido médico de Joinville e engravidou na época em que trabalhava no Hospital São José. Na época, quando perguntavam a Rosa quem era o pai, apenas respondia: “Não sei, estava dormindo. Só senti um peso em cima de mim. Quando acordei, não estava mais lá”, conta o cunhado dela, Felipe Mira.

Segredos de família - A maternidade de Rosa também esconde segredos de família. Na condição de mãe solteira, foi difícil tomar conta do bebê. Então entregou a criança de dois meses aos cuidados de um casal de primos que morava em Curitiba. Eles tinham apenas um filho e boas condições de vida. Rosa sempre ia vê-la. Mas a criança foi crescendo e as visitas de Rosa eram cada vez mais frequentes. A menina não sabia que ela era sua verdadeira mãe e a chamava de tia. Um dia, os pais adotivos, receosos de que contasse a verdade, resolveram ir com a filha para São Paulo.

Rosa foi atrás da menina sem ao menos saber onde morava. Não pôde encontrá-la. Hoje a filha está com 49 anos, tem filhos e é casada com um farmacêutico. Continua morando em São Paulo, no bairro Santana. Os pais adotivos já faleceram e nunca lhe contaram sobre sua verdadeira mãe.

Rosa continuou suas andanças, viajando de cidade em cidade mas sempre voltando à Joinville. Os mais velhos contam que era alegre e vaidosa. Todos comentam que era muito bonita. Usava maquiagem forte e vestido apertado na cinturinha fina. Gostava da cor vermelha. Às vezes chegava para uma pessoa e entregava um pequeno ramallete de flores colhidas por ela mesma. Cantava, então, uma música. Vivia cantando na rua, mas nem sempre estava de bom humor. Alguns, como o cunhado Felipe, falam que desde jovem sempre teve um temperamento explosivo. Outros a achavam “uma moça querida e educada”, como lembra a prima, Ester Pereira. Com o passar dos anos, “Rosinha”, como também a chamavam, mudou: começou a beber, tornou-se

mais agressiva e passou a andar pelas ruas, suja e mal vestida. Os pés, que ela tentava tampar com faixas, inchavam mais a cada dia. Com pena, as pessoas lhe davam dinheiro e ela começou a viver à custa de esmolas.

Perfume nos pés - O apelido, “Rosa do pé inchado”, vem do problema dos pés que já a acompanha desde moça. Alguns, como Rosa Sprotte que a conheceu em Araquari, e a própria Justina Moreira, dizem que é *erisipela*, uma doença infecciosa causada por um micróbio. Mas também acreditam que possa ser um problema de circulação provocado por algum choque térmico. Naquele tempo isso era muito comum. As pessoas faziam fogo no chão da casa, e depois de aquecidas lavavam roupa na água fria do rio, causando o choque. Rosa conviveu toda a vida com esse problema, sem tratamento adequado. Justina lembra do seu sofrimento: “Quando tinha quinze anos, ela vivia enchendo o pé com perfume. Uma vez em que estávamos passeando pediu que caminhasse na frente dela, para não sentir o mau cheiro”.

Mas a doença não impediu que Rosa caminhasse durante muitos anos pelas ruas de Joinville, sem rumo e sem destino. Um dia, João Carvalho, um dos fundadores e presidente da Vila Vicentina, lugar onde só moram idosas sem família, resolveu deixar Rosa viver lá. Ela ficou na Vila durante mais de 35 anos mas deu muito trabalho para as moradoras e os responsáveis pelo local. Rosa bebia, fazia arruaça e não dava sossego à vizinhança. Duas vezes colocou fogo em sua casa. Tinha mania de queimar tudo. Não havia coberta ou colchão que durasse. Também não adiantava dar um vestido novo para ela. Usava uma vez e no dia seguinte rasgava. Os últimos anos de Rosa foram de muita dor e sofrimento. Abandonada e tomada de solidão, chegou a beber álcool puro, tamanha eram suas crises de alcoolismo. Muitas pessoas comentam que ela dizia ter duas filhas. Carmelina, moradora da vila há 15

anos, confirma e lembra que um dia Rosa até mostrou a foto de uma das meninas. Ela sofria muito a falta delas, e a prima Ester recorda que um dia Rosa confessou: “Eu não vou morrer enquanto não cair nos braços de minha filha”. Mas ninguém sabe ao certo se ela chegou a ter duas filhas. Só se sabe o paradeiro de uma delas. Rosa também não falava muito e quando lhe pediam mais detalhes, como o de quem era o pai, mudava de assunto. Mas Carmelina, mãe solteira também, lembra que, no Dia das Mães, Rosa chorava e dizia à amiga: “Mãe solteira, mãe casada é tudo mãe.”

Condições desumanas - Ela definhava cada vez mais, bebendo e vivendo na sujeira. Já não podia mais entrar em casa, tamanho o mau cheiro do lixo e fezes espalhadas pelo chão. As paredes da sua casa eram totalmente pretas por causa dos incêndios que ela mesma provocava. É difícil imaginar um ser humano lá dentro dormindo e em cima de uma “cama” de cimento úmido com apenas um travesseiro sujo. Os pés de Rosa também foram piorando cada vez mais. Em vez de tratá-los, Rosa os enrolava com jornal e dizia que era para “tirar a dor”. Mesmo assim, continuava caminhando pela cidade e só aceitou ir ao médico quando não tinha mais condições de andar. Mas aí já era tarde. No Dia de Finados, em novembro deste ano, logo depois de ir ao médico e ficar algum tempo no hospital, Rosa sofreu um derrame que paralisou um de seus braços e a impossibilitou de falar. Foi tratada pelas moradoras da Vila em uma casa nova do local. Estava limpa e bem cuidada, mas só tomava líquidos. Eram feitas novenas e todos rezavam por Rosa. A comunidade do bairro Boa Vista, onde fica a vila, também ajudou, através de doações de alimentos e vigílias durante a noite. “Rosinha”, que sempre foi pequena, estava menor do que nunca e extremamente magra. As pernas, desenfaixadas, mostravam o que ela tentou esconder a vida inteira: as feias feridas nunca curadas.

Sem esperanças de melhora, resolveram levá-la para o Hospital Regional. Lá, já não mexia mais a boca nem abria os olhos. Tomava apenas soro. Na madrugada do último dia 12 de dezembro, Rosa morreu. Parece que só agora sossegou. Ninguém mais vai ver a “Rosa do pé inchado” passeando pela cidade. Ou, quem sabe, seu espírito inquieto continue a perambular sem destino por Joinville, e as pessoas, ao caminharem pela rua, tenham a impressão de ouvirem alguém cantando alegremente.

Quinta-coluna: qualquer indivíduo (nacional ou estrangeiro) que atua em um país em guerra, ou prestar a entrar, auxiliando uma invasão, espionando ou fazendo propaganda subversiva.

Referências Bibliográficas:

- BIANCO, Nilva. *Na sala de estar*, histórias de São Ludgero. Florianópolis, Editora do Autor, 1993
- KOTSCHO, Ricardo. *A prática da reportagem*. São Paulo, Ática, 1986
- RAMOS, Mila. *Terra nossa de cada dia*. Joinville, Ipê, 1989
- SODRÉ, Muniz e FERRARI, Maria Helena. *Técnica de reportagem*. notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo, Summus, 1986
- Revista *Vida Nova*, 9 de março de 1951 (Edição comemorativa ao Centenário de Joinville)
- Álbum *Centenário de Joinville - 1951*